



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Almeida Silva, Denise

Relendo Hesíodo: o mito das raças em A idade do ferro, de J. M. Coetzee

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 73-79

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Relendo Hesíodo: o mito das raças em *A idade do ferro*, de J. M. Coetzee

Denise Almeida Silva

Universidade Regional Integrada de Frederico Westphalen, Rua Assis Brasil, 709, 98400-000, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: dnsalmeidasilva@gmail.com

RESUMO. Este estudo analisa a maneira como o escritor sul-africano, J. M. Coetzee, enfoca o mito hesiódico das raças em seu romance, *A idade do ferro*. Inicialmente, analisa-se a construção do texto de Hesíodo, em que as raças parecem se suceder em uma ordem de progressiva decadência, considerando-se a temporalidade própria de cada uma delas, bem como seu caráter cíclico. Em seguida, analisa-se como a noção de um mundo em que a desordem se instaura progressivamente rumo à injustiça, desgraça e morte foi associada por Coetzee ao contexto da África do Sul em que vigia o *apartheid*, retratada pelo autor como uma sociedade não só enferma, mas em estado terminal. A análise prossegue, demonstrando como doença, velhice, morte, ignorância do amanhã e angústia do futuro, que caracterizam a Idade do Ferro de Hesíodo, são relidas por Coetzee nesse novo contexto histórico.

Palavras-chave: mito, Hesíodo, J. M. Coetzee, *A idade do ferro*.

ABSTRACT. *Rereading Hesiod: the race myth in J. M. Coetzee's Age of iron.* This essay analyzes how South African novelist J. M. Coetzee focuses the Hesiodic myth of the four races in his novel *Age of iron*. First the construction of Hesiod's text is analyzed, highlighting how races are exposed according to a presumed progressive decadence in accordance to the peculiar temporality of each one of them, and to their cyclic character. Next, the essay focuses on how the notion of a world in which disorder increasingly gives way to injustice, disgrace and death is associated with the South Africa of the *apartheid* era depicted by Coetzee, and how the country is depicted as a terminally ill society. Then, the study proceeds to demonstrate how sickness, old age, death and, ignorance of the future that characterize Hesiod's Age of Iron are reread by Coetzee in this novel context.

Key words: myth, Hesiod, J. M. Coetzee, *Age of iron*.

Introdução

Este estudo centra-se na maneira pela qual o escritor sul-africano, J. M. Coetzee, retoma o mito hesiódico das raças em seu romance, *A idade do ferro*. Inicialmente, descreve-se a construção de Os trabalhos e os dias, e caracteriza-se cada uma das sucessivas raças. O contraste sempre renovado entre justiça e desmedida, Dike e Hybris, é analisado em relação à estrutura formal do mito; por outro lado, intenta-se demonstrar como a noção de um mundo em que a desordem se instaura progressivamente rumo à injustiça, desgraça e morte, é associada por Coetzee ao contexto da África do Sul em que vigia o *apartheid*, retratada pelo autor como uma sociedade não só enferma, mas em estado terminal.

O mito das raças é uma das narrativas do poema *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, nas quais o autor remete a um tempo mítico em que os homens desconheciam os sofrimentos e a morte para, em seguida, esclarecer como os males passaram a fazer parte da existência humana. Logo após a invocação às

musas e a dedicatória ao seu irmão, Perses, o poeta expõe um quadro de uma terra dividida entre duas lutas: a funesta guerra e a inveja, nascida da Noite Tenebrosa. Uma vez que esta última incita o homem ao trabalho, é vista como 'boa luta para os homens' há, contudo, que se observar a máxima délfica 'nada em excesso'. Hesíodo passa a narrar a origem e necessidade do trabalho, relatando o mito de Prometeu e Pandora a fim de demonstrar como a Hybris levou os homens, que antes viviam "ao recato dos males, dos difíceis trabalhos e das terríveis doenças que ao homem põem fim", a experimentar pesares e labutas, pois da "inteligência de Zeus não há como escapar" (HESÍODO, 1991, p. 23-29). Tendo roubado o fogo, o homem é alvo da vingança de Zeus, que dele esconde o alimento, o que o leva a buscá-lo em fadiga e trabalho.

Segue-se o mito das cinco raças, que vem complementar e completar a narrativa anterior, servindo também ao propósito de aconselhar o irmão contra os perigos da desmedida, como o poeta explicitamente esclarece: "Se queres, com outra estória esta encimarei, bem e sabiamente lança-a

ao peito!” (HESÍODO, 1991, p. 31). A motivação pessoal do autor, em litígio com o irmão a propósito da divisão das terras e bens herdados do pai, acaba por convertê-lo no único autor da tradição grega a se inserir no quadro da literatura sapiencial, caracterizada por reunir literariamente preceitos, admoestações e instruções repertoriadas por um povo que, via de regra, passa por crise e deseja, conseqüentemente, reconstruir sua sociedade e patrimônio moral (LAFER, 1991).

As raças (ou idades) sucedem-se numa ordem de decadência progressiva e regular, como já sugere o nome dos metais de acordo com os quais se ordenam. Essa ordem se inicia pela raça do outro, metal tido como o mais precioso, e apresenta sucessivamente as raças de prata, bronze e ferro e, intercalada entre as duas últimas, uma raça de heróis. Os metais são escolhidos não somente pela sua valoração mercadológica de superior a inferior, mas de acordo com a natureza particular de cada idade: seu modo de vida, atividades, qualidades e defeitos. Assim, se o ouro figura ao início da narrativa, é porque encarna todas as virtudes. Como Vernant observa, Hesíodo opõe-se a um mundo divino, em que a ordem é fixada pela vitória de Zeus, um mundo humano no qual a desordem se instaura progressivamente e que finalmente acaba permeado pela injustiça, desgraça e morte (VERNANT, 2002, p. 27-31). A ordenação segue uma lógica temporal e formal própria, não obedecendo à ordem propriamente cronológica, mas a um período cíclico. Se assim não fora, Hesíodo, ao se perceber como vivendo o momento da raça de ferro, não poderia lamentar não ter nascido depois dessa idade, como Vernant (2002) ainda percebe.

Os homens da raça de ouro caracterizam-se por uma condição privilegiada: são totalmente desprovidos de preocupações e alegram-se em festins, desconhecendo penas e misérias. A terra, dadivosa, nutre-os com fruto abundante; tais homens não conhecem a velhice, conservando sempre pés e mãos igualmente ágeis. Já a raça de prata, incapaz de conter em si o “louco Excesso”, embora ainda longeva, não conserva a plenitude das potencialidades físicas e mentais, mas padece de certa idiotia. O filho cresce “por cem anos junto ‘à mãe cuidadosa, brincando’, curta adolescência, em que os homens já padecem de ‘horróveis dores por insensatez’, segue-se a essa prolongada infância. Excessivamente tolos, não veneram os deuses, o que encoleriza Zeus, que os oculta sob a terra e cria a

raça de bronze. Acentuam-se dessa raça a mortalidade, a força e a violência. Morrem em combate, seguindo-se-lhe a raça dos heróis. Em oposição à desmedida Hybris dos homens da raça anterior, que tinham “de aço resistente o coração, inacessíveis”, Zeus faz dos heróis uma raça “mais justa e corajosa”. Embora, tal como a raça anterior, dediquem-se à guerra, os heróis caracterizam-se pelo exercício da Dike, justiça, o que leva Zeus a recompensá-los de forma diametralmente oposta ao que faz em relação à raça de bronze: enquanto esta desce ao gélido palácio Hades, deixando a luz brilhante, os heróis são confinados na “Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo”, num lugar em que “doce fruto traz três vezes ao ano a terra nutriz” (HESÍODO, 1991, p. 35).

A quinta raça, de ferro, correspondente ao período em que vive o autor e é tão terrível que este lamenta estar vivo em tal tempo. Contrastando com a vida despreocupada e tranquila da idade do ouro, o homem da idade de ferro vive o preâmbulo de degenerescência total. Hesíodo apresenta o contraste entre ‘o que é’ e o que será, projetando um futuro negro em que a presente relação de semelhança que ligava pais a filhos, bem como a relação fraternal, a prática da hospitalidade e toda noção de companheirismo desaparecerão. Tão logo a presente geração envelheça, filhos deixarão de se assemelhar a seus pais, que serão insultados e censurados com duras e cruéis palavras, e desamparados por aqueles. Amor, companheirismo, hospitalidade deixarão de ser ‘como já havia sido’. A inveja malevolente e malsonante a todos os homens acompanhará; honrar-se-ão o malfeitor e o homem desmedido, de forma que a justiça desaparecerá. Zeus não deixará tal Hybris sem castigo, assinalando desde já um tempo quando, em lugar da eterna vitalidade dos homens primevos, esses mortais serão retirados da Terra, como as precedentes raças.

Hesíodo dá continuidade ao poema, percorrendo sobre a Justiça e a retribuição dada pelo Cronida aos que se ocupam do mau excesso. Cabe aos reis e também aos súditos exercer a justiça, independentemente do lugar ocupado na sociedade, já que o mal vem tanto “à coletividade como ao indivíduo que a desrespeitam, A si mesmo o homem faz mal, a um outro o mal fazendo” (HESÍODO, 1991, p. 43). Por fim, o poeta exalta as virtudes do trabalho, que “desonra nenhuma”.

Como se vê, a intenção de admoestar a obediência da justiça (Dike) para que não se venha

a ser uma vítima da desmedida (Hybris) perpassa as diferentes sessões do poema a tal ponto que, como nota Vernant, a tensão entre Dike e Hybris não só norteia a estrutura do mito como lhe atribui seu significado geral. Em contraste, as sucessivas idades representam o domínio de uma ou outra dessas qualidades. Vernant explica:

Quando Hesíodo quer estabelecer uma diferença de valor entre duas raças, ele a formula explicitamente e sempre da mesma maneira: as duas raças são opostas como a Dike e a Hybris. Um contraste desse gênero se ressalta, de um lado, entre a primeira e a segunda raça; de outro, entre a terceira e a quarta. Mais exatamente, a primeira raça está para a segunda, do ponto de vista do 'valor', como a quarta está para a terceira. Com efeito, Hesíodo acentua que os homens de prata são 'bem inferiores' aos de ouro – inferioridade que consiste em uma Hybris da qual os primeiros estão perfeitamente isentos, ele acentua ainda que os heróis são 'mais justos' que os homens de bronze, votados igualmente à Hybris. [...] O texto impõe, então, quanto à relação entre as quatro primeiras raças, a seguinte estrutura: distinguem-se dois planos diferentes, ouro e prata de um lado. Bronze e heróis de outro. Cada plano, dividido em dois aspectos antitéticos, um positivo, outro negativo, apresenta assim duas raças associadas que formam a contrapartida necessária uma da outra e que contrastam, respectivamente, como Dike e Hybris (VERNANT, 2002, p. 32-33).

A aparição da quinta raça, estruturalmente, apresenta nova dimensão: ao contrário das precedentes, não se desdobra em dois aspectos antitéticos, mas sob a forma de raça única. Contudo, tal como as idades que a precedem, reforça a concepção da existência humana como vacilando entre dois polos opostos, Dike e Hybris.

A ambiência de uma sociedade em plena degenerescência, que rumo à destruição e morte, face ao predomínio da louca desmedida e ao abandono da justiça, fornece a J. M. Coetzee poderosa metáfora para a análise da situação de exceção do apartheid que se instaura na África do Sul. Tal como no poema de Hesíodo, a sociedade retratada pelo romancista em *A idade do ferro* sofre pelo efeito da louca desmedida. Elizabeth Curren refere-se ao diuturno confronto entre os ativistas negros e a polícia como uma “guerra sem piedades, sem limites” (COETZEE, 1992, p. 49). Da sacada de sua casa, pode ver as chamas ardendo nos bairros negros, a polícia, que deveria proteger os cidadãos, persegue, e, se possível, mata os ativistas. Como patroa de Florence, mulher negra cujo filho mais velho, ainda adolescente, está envolvido no boicote estudantil, é dado a Elizabeth Curren testemunhar tais desmandos. Por outro lado, também as crianças

negras entregam-se à violência descontrolada: abandonam a escola, considerada como instrumental na legitimação do apartheid (COETZEE, 1992); chutam e batem num homem porque ele bebe, põem fogo nas pessoas e riem, enquanto elas queimam até a morte. Enquanto Florence relata o fechamento das escolas em Langa, Nyanga e Guguletu, e como a situação nesta última localidade se deteriorou a ponto de que seu filho não pode mais permanecer lá em segurança, as rádios e a televisão se calam, e a imagem que o governo transmite à minoria branca é a de uma terra “de vizinhança sorridente” (COETZEE, 1992, p. 53).

No final da década de 1980, quando o romance estava sendo escrito, o país atravessava o clímax de uma série de rebeliões escolares iniciadas em 1983. Como já acontecera em Soweto, em 1976, os estudantes, alguns dos quais ainda crianças, assumem a liderança do ativismo político. Boicotes tornam-se freqüentes, mantêm-se afastados das escolas e desfilam pelas ruas, reivindicando a retirada dos militares e policiais dos campi. Em 1985, o Comitê Nacional da Crise Educacional (NECC) suspende os boicotes escolares, e, um ano mais tarde, proclama-se estado de emergência nacional. A agitação cresce; milhares de crianças são aprisionadas e muitas delas submetidas à tortura e execução (GALLAGHER, 1991).

Não surpreende que Coetzee, ao caracterizar a Idade do Ferro que assola o país, tenha escolhido o desrespeito à infância como indicativo da decadência social e dissolução dos laços familiares, no que, aliás, retoma uma das características da idade de ferro hesiódica. O que deveria ser “um tempo de maravilhas, um tempo de crescimento da alma” torna-se um período em que a capacidade imaginativa infantil e adolescente “torna-se tolhida e petrificada” (COETZEE, 1992, p. 12). Nesse momento, “a infância é desprezada, quando as crianças instruem umas às outras para jamais sorrir, jamais chorar, para levantar os punhos para o ar, como martelo [...] tempo fora do tempo, vomitado da terra, bastardo, monstruoso” (COETZEE, 1992, p. 50). Como em *Os trabalhos e os dias*, as relações pais e filhos tornam-se alteradas. Porém, se naquele poema não se expõe causa para tal fato, salvo a corrupção progressiva e inevitável, no romance de Coetzee a dissolução dos elos familiares se verifica na ambiência de um regime de exceção, que leva à sobreposição dos interesses nacionais aos familiares, fazendo com que crianças e adolescentes abandonem suas famílias, boicotem a escola e se dediquem à luta. Quando Curren recorda os velhos tempos em que os mais velhos eram respeitados e o estudo valorizado, Florence lembra-lhe que a sociedade vive

agora novos tempos em que “tudo mudou. Não há mais mães nem pais” (COETZEE, 1992, p. 40).

Essa noção é retomada pouco antes de a metáfora da Idade de Ferro ser introduzida pela primeira vez no romance. Curren censura a maneira afrontosa como o filho da empregada tratara a Vercueil, retomando a discussão sobre os vínculos familiares:

Continuo pensando no que você me disse, no outro dia: que não existem mais mães nem pais. Não posso acreditar que você quisesse dizer isso realmente. As crianças não podem crescer sem mães nem pais. As queimadas e matanças de que se ouve falar, a chocante insensibilidade, até mesmo esta coisa de bater no sr. Vercueil — de quem é a culpa, afinal? Certamente a culpa deve recair sobre os pais que dizem: ‘Vão, façam como quiserem, agora vocês são donos de si mesmos, desisto da autoridade sobre vocês’. Qual a criança que no íntimo do seu coração quer de verdade que lhe digam isso? Com certeza sairá confusa, pensando consigo mesma: ‘Não tenho mais mãe, agora, não tenho pai; então, que morra minha mãe, que morra meu pai?’ Você lava as mãos por eles e eles se transformam em filhos da morte (COETZEE, 1992, p. 49).

É quando Florence discorda fortemente da percepção da patroa, atribui as ações dos jovens negros à crueldade dos brancos e elogia a tempera dos negros em que a metáfora da idade do ferro é introduzida:

Não — disse Florence — Isso não é verdade. Eu não viro as costas aos meus filhos. [...] São crianças boas, como ferro, temos orgulho deles. [...] Crianças de ferro, pensei. Florence, também, não era diferente do ferro. A idade do ferro, depois, vem a idade do bronze. Quanto tempo ainda, antes que volte o ciclo das idades mais brandas, a idade do barro, a idade da terra? Uma matrona espartana, de coração de ferro, criando filhos guerreiros para a nação (COETZEE, 1992, p. 50).

Como se percebe, embora claramente baseada no mito hesiódico das raças, a Idade do Ferro, como concebida por Coetzee, reveste-se de características especiais. Contrastando com Hesíodo, que remete a um tempo mítico desprovido de sofrimentos e traça sua progressiva decadência até avançar à Idade do Ferro, interessa a Coetzee fixar somente uma das idades da terra, a idade férrea em que vive, na qual a degenerescência já está profundamente instaurada. Também a lógica ordenadora dos metais difere: em lugar do critério do valor monetário próprio de cada metal, é a resistência ou dureza do metal que se constitui em critério ordenador. Assim, as idades sucedem-se do metal menos resistente ao mais resistente: o ferro será sucedido pelo bronze e assim sucessivamente, até que o ciclo esteja completo e as idades mais brandas retornem.

Uma vez que a dureza e/ou resistência é o padrão escolhido, o mito das idades de Coetzee não se atém somente a metais, completado o ciclo, este reiniciará pela idade do barro. A escolha parece estar associada a uma opção pela vida e ao reinício de um novo ciclo criativo, pois remete duplamente não só à descrição bíblica da criação do mundo (surgido a partir de um estado caótico, quando o Espírito de Deus ‘pairava sobre as águas’) e do homem (formado de elementos do pó da terra), como ao relato bíblico do sonho do rei assírio, Nabucodonozor, no qual os reinos se ordenam de maior esplendor a maior força, através da sucessão do ouro, prata, cobre e ferro, que simbolizam, respectivamente, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma, terminando surpreendentemente com uma frágil mistura de ferro e barro, que prenuncia o fim da história deste mundo e início de um reino messiânico (Dan. 2).

Se Hesíodo lamenta o presente e projeta um futuro em que a Idade de Ferro se tornará ainda mais terrível, em vez de temor é com expectativa que os homens da Idade de Ferro de Coetzee aguardam uma idade mais propícia à vida. Thabane, que foi professor, abandona temporariamente a profissão “até que cheguem tempos melhores” (COETZEE, 1992, p. 94). A época é descrita como tempo de “crescimentos monstruosos, desnascenças: um sinal de que se foi além da própria hora, também este país: hora para o fogo, hora de chegar ao fim, hora para aquilo que sai das cinzas nascer” (COETZEE, 1992, p. 63).

Apesar dos fatos de que a própria natureza parece ter tido seu curso alterado e de que o fim afigura-se como inevitável, a qualidade cíclica das idades traz a esperança do renascimento de tempos mais brandos. Esta noção é reiterada no romance. Ao tentar entender a natureza de seu relacionamento com Vercueil, o vagabundo a quem acolheu para que entregue uma carta à filha após sua morte, Elizabeth Curren, avalia:

Vercueil e eu, como um casal há muito tempo casado, sem ter o que dizer, mal-humorado. Estou até mesmo me acostumando com o cheiro, pensei. Será assim que me sinto em relação à África do Sul: sem amá-la, mas habituada ao seu mau cheiro? Casamento é destino. Transformamo-nos naquele com quem nos casamos. Nós, que casamos com a África do Sul, tornamo-nos sul-africanos: feios, sombrios, entorpecidos. Nosso único sinal de vida é um ligeiro reluzir dos caninos, quando somos contariados. África do Sul: um velho cão mal-humorado, cochilando na porta, à espera da hora de morrer. E que nome mais sem inspiração para um país! Esperemos que eles o troquem, quando criarem um novo começo (COETZEE, 1992, p. 67).

Esse pensamento complementa extensa meditação sobre a natureza da vida na África do Sul da Idade do Ferro, cuja origem é relacionada ao caráter daqueles

que a fundaram e colonizaram, os pioneiros holandeses. A dureza de geração após geração de pioneiros “de rostos severos, lábios apertados, marchando, cantando seus patrióticos hinos, saudando a sua bandeira, jurando morrer pela sua pátria [...] pregando o antigo regime da disciplina, do trabalho, da obediência, do auto-sacrifício” é diretamente associada ao surgimento da Idade do Ferro, que é precedida por uma ‘idade do granito’. Como o granito, duro e frio ao toque, o calvinismo praticado na África do Sul é descrito como sendo a encarnação do “espírito de Genebra Calvino, de beca preta, sangue escasso, frio para sempre [...] sorrindo seu sorriso invertido” (COETZEE, 1992, p. 50-51).

Sob o severo código moral do Calvinismo Africaner, produz-se regime frio, caracterizado pela falta de amor, que finalmente conduz à secura e morte. “O espírito de caridade pereceu neste país,” diz Elizabeth Curren a Vercueil, ao justificar por que não transforma a casa em abrigo para os pedintes (COETZEE, 1992, p. 25). Sob a égide de tal governo, sofrem brancos e pretos e verifica-se um embotamento dos sentidos generalizados. Descrevem-se as crianças negras como as que haviam tido a alma tolhida, petrificada; semelhantemente, estão “do outro lado da linha divisória seus primos brancos, de alma também tolhida, girando em torno de si mesmos, cada vez mais apertados nos seus casulos” (COETZEE, 1992, p. 12). Ao invés de preparar para metamorfose que leve à nova e mais bela vida, a ambiência em que vivem, seus casulos, enreda-as, tolhe-as, sufoca-as ao envolvê-las em ambiente protetor em que, dentro de jardins murados, guardados por buldogues, usufruindo as benesses que é dado à hegemonia branca desfrutar, tornam-se finalmente insensíveis à desigualdade e desmandos do país. Semelhantes às crianças da Idade da Prata de Hesíodo, sujeitas à prolongada infância, os infantes dessa nova Idade do Ferro têm prolongado seu estado de inocência em sua realidade protegida tornam-se quais “larvas, roliças e brancas, encharcadas de mel, absorvendo a doçura através de suas peles suaves” enquanto suas almas se entorpecem, cheias de bem-aventurança (COETZEE, 1992, p. 1). O embotamento imaginativo e perceptivo dos mais jovens inscreve-se dentro de um quadro em que a nação, como um todo, sofre um entorpecimento sob o efeito do discurso de seus dirigentes. A separação e tutela dos negros, verificadas sob o regime do apartheid, eram justificadas pelo discurso adotado pela ciência política calvinista como estando baseado numa noção natural da separação da humanidade de acordo com as raças, que teria sido ordenada pela dispensação divina. De acordo com esse discurso,

Deus teria dado a cada nação e a cada povo sua vocação particular, suas tarefas e seus dons. Tal concepção tribalista proveu a base para as numerosas políticas de segregação que tiveram lugar na África do Sul após 1948 e que determinaram a separação da população de acordo com categorias raciais fixas (Lei de Registro Populacional, 1950), proibiram a união inter-racial (Lei da Imoralidade, 1950), impediram a passagem dos negros a áreas onde não estivessem “ministrando as necessidades dos brancos” (Lei do Passe e Lei da Coordenação de Documentos, 1952), segregaram os pretos dos lugares públicos (Lei da Reserva de Benefícios Sociais Separados, 1953) e removeram a população negra (72% do total da população) para áreas inóspitas que correspondem a 13% do território do país (MCCLINTOCK; NIXON, 1986, p. 149-150). Assim, não é difícil imaginar por que os “pais e mães, tias e tios, irmãos e irmãs” dos jovens encasulados são descritos não como borboletas, mas como “uma horda de gafanhotos [...] infestando o país, mascando ruidosamente e sem cessar, devorando vidas” (COETZEE, 1992, p. 31).

No romance de Coetzee, embora Elizabeth Curren perceba os efeitos do discurso e da prática da classe dirigente, sente-se como que paralisada, incapaz de se recusar a escutar suas falas pela televisão, muito embora saiba que tais políticos, “por legitimidade [...] não mais se preocupam em clamar, homens que ‘deram de ombros para a razão’, absorvidos pelo ‘poder e o estupor do poder’”. Tais homens, a protagonista medita, retiram da população a centelha de vida, sendo eles mesmos desprovidos de qualquer calor humano, tão estupidificados quanto a população a quem se dirigem dia após dia:

E a sua mensagem permanece estupidamente inalterável, estupidamente a mesma, para sempre. Sua proeza, após anos de metitação etmológica sobre a palavra, foi a de ter elevado a estupidez à categoria de virtude. Estupidificar: privar de sentimento; entorpecer, amortecer; atordoar pelo espanto. Estupor: insensibilidade, apatia, torpor da mente. Estúpidos: de faculdades embotadas, indiferentes, destituídos de pensamento ou de sentimento. De stupere, ficar atordoado, estarrecido. Uma evolução de estúpido, para atordoado, estarrecido, ser transformado em pedra. A mensagem: que a mensagem jamais mude. Uma mensagem que transforme as pessoas em pedra (COETZEE, 1992, p. 32).

O embotamento das sensibilidades leva à outra metáfora, a do branco-boneca, que se desenvolve logo após a protagonista ficar abalada com a contemplação dos corpos dos cinco adolescentes mortos pela polícia. A cena é-lhe mais chocante

porque conhece um deles, Bheki, filho de sua empregada, Florence. Os corpos perfurados à bala, deitados, perfilados ordenadamente, impressionam-lhe como uma “presença maciça, sólida” (COETZEE, 1992, p. 98), que contrasta com a concha insubstancial que a envolve, bem como a hegemonia branca, tornando-os semelhante a bonecos. Curren compara sua inconsciência com a dos meninos assassinados, tornados inconscientes pela morte. Embora viva, e, portanto, passível de reflexão consciente, parece-lhe que dorme em sono profundo, e que é apenas visitada por ocasionais lapsos memórias, indicativos de que alguma vez esteve viva. Concebe-se, então, como tendo sido roubada no berço e trocada por boneca, o que a faz passar a existência em estado de “surpresa paralisante”, dotada de “conhecimento sem substância, sem peso mundano, como a própria cabeça de boneca, vazia, aérea” (COETZEE, 1992, p. 102-103).

Em contraste com a solidez dos mortos, sente-se oca. Avalia que o câncer que a vitima como justa retribuição, “Para cada um de nós o destino manda a doença certa”. Fosse ela aberta, veria seu interior oco como uma boneca, uma vez que o câncer a devora por dentro (COETZEE, 1992, p. 105). Concebe a doença que a devora como ‘seca’ e ‘fria’, qualidades que partilha com o granito e os africânderes simbolizados por ela. Como a Idade do Ferro, prolongada para além do tempo natural, e incapaz de gerar vida, o tumor cancerígeno afigura-se à Curren como um filho que carrega em si numa gravidez que se prolongará para além do tempo natural, e da qual nenhum fruto resultará. Tal qual Hesíodo, que lamenta viver em tempos tão sombrios, Curren lastima ter que carregar em si a própria negação da vida:

Ficar grávida desses tumores, desses inchaços frios e obscenos [...], para sempre frios e vorazes. Seco, seco: senti-los virando-se à noite no meu corpo seco, não se espreguiçando e chutando como uma criança humana, mas mudando de ângulo, descobrindo um novo lugar para morrer. Como os ovos dos insetos postos no corpo de uma hospedeira, crescendo agora em larvas que comem-na[sic] implacavelmente até o fim. Meus ovos, crescidos comigo. [...] minhas filhas-morte, suas irmãs, minha filha-vida. Como é terrível quando a maternidade atinge o ponto de parodiar a si mesma! (COETZEE, 1992, p. 62).

Essa forma pervertida e perversa de maternidade, mais ligada à morte do que à vida, não apenas reforça a dissolução dos laços entre mães e filhos como acentua a ambiência de doença e terminalidade que perpassa o romance desde seu início. Morte,

desperdício e sujeira inscrevem-se já nas primeiras páginas do romance, quando a protagonista, Elizabeth Curren, inicia sua carta à filha, descrevendo a condição degenerada do pátio da casa onde esta última brincara em criança, e que agora não é mais do que “um lugar morto, ermo, sem uso, onde as folhas jogadas pelo vento se amontoam e apodrecem” (COETZEE, 1992, p. 9). É inverno, estação associada à morte. Na grande casa, agora quase vazia, Curren, que há pouco se descobre portadora de câncer, limpa gavetas e descarta papéis velhos. Antes sólida, a casa começa a se decompor: as tábuas do assoalho perderam vigor, o isolamento dos fios está seco e os canos entupidos de areia; as calhas se vergam sob parafusos enferrujados ou desprendem-se da madeira apodrecida. “Uma casa construída solidamente, mas sem amor, fria, agora inerte, pronta para morrer”, Curren sentencia (COETZEE, 1992, p. 18), num julgamento que pode ser estendido ao país e seus governantes

Além de reforçar o estado terminal dessa Idade do Ferro, o corpo seco e infrutífero de Curren torna particularmente visíveis o desperdício e a brutalidade representados pelo derramamento de sangue que ocorre no país de forma tão corriqueira e impune. Ao contemplar o sangue que jorra das feridas do amigo de Bheki, Elizabeth Curren avalia como este é precioso, um dom a ser preservado, que une a humanidade, “uma poça de vida dispersa entre nós, em existências separadas, mas, por natureza, única; emprestado, não dado; tido em comum, em confiança para ser preservado; parecendo viver em nós, mas parecendo, apenas, pois na verdade nós vivemos nele” (COETZEE, 1992, p. 62). A protagonista tem bem presente a lição de humanidade compartilhada do velho Shylock, que expôs à sociedade de Veneza como todos, judeus ou não, igualmente dormiam, comiam, respiravam. Acima de tudo, ecoa-lhe a pergunta exclamada no placó com ódio e angústia: “Eu não sangro como vós?” (COETZEE, 1992, p. 41).

Curren passa a sonhar frequentemente com Borodino, a maior e mais sangrenta batalha de todas as Guerras Napoleônicas, que, em 16 horas de confronto ininterrupto, deixou um rastro de mais de 100 mil mortos. Em seus sonhos, vê centenas de milhares de homens se batendo na planície russa, seres sem rosto, sem voz, secos como ossos.

Essa visão dos seres para sempre silenciados, em sua clara alusão ao tratamento dispensado à população negra, poderia sugerir um prognóstico de um futuro tão desolador quanto o que Hesíodo antevê para o período final da idade em que vive. Contudo, a concepção cíclica das eras e em

particular da própria idade do ferro, descrita como estando à espera do seu próprio retorno, parecem sugerir um bafo de esperança. Ainda impressionada pela visão dos corpos dos adolescentes mortos, Curren se imagina a transitar por sobre seus corpos:

Deixe-me dizer, quando eu ando sobre esta terra, esta África do Sul, tenho um sentimento que se avoluma, de estar andando sobre rostos negros. Eles estão mortos [...] pesados e empedernidos, á espera que meus pés passem, á espera de que eu me vá, á espera de novamente se levantarem. Milhões de figuras de lingote de ferro flutuando debaixo da pele da terra. A idade do ferro, á espera do seu retorno (COETZEE, 1992, p. 116).

Tomando-se a si própria, na qualidade de branca, não só como representante da hegemonia no controle da nação, mas como corresponsável pelos desmandos, Curren toma a si a culpa pelo silenciamento dos negros. Não é a terra que os aprisiona, pelo contrário, flutuam sob ela, o que não poderiam fazer sobre a água e sobre a superfície da terra, aguardam, antes, que passe o governo dos brancos, para então ressurgir. Em contraste com os 'brancos bonecos', que morrem na cama, tornando-se mais e mais secos e leves, os negros têm a resistência do ferro ou do aço. Enquanto os brancos queimariam bem, deixando um mínimo de cinzas atrás de si, eliminar a Bheki e os outros ativistas negros não seria tão fácil pois estes se assemelham ao ferro ou o aço que, quando submetidos ao fogo, perdem sua forma, mas subsistem. Para além do distúrbio dos ciclos naturais causado por um calvinismo seco e frio, projeta-se um tempo em que a Idade do Ferro ressurgirá, já não mais sujeita à degenerescência e morte, já não mais angustiada pela projeção de um futuro sombrio, mas resistente como sempre e já liberta da opressão e dos desmandos causados pelo desamor. Nesse sentido, o mito, como usado por Coetzee, assume contornos proféticos, que escaparam aos censores: em tempos sombrios, o negro hiberna, mas ressurgirá, uma vez passado o reino dos gafanhotos, reassumindo o lugar que lhe é devido em sua própria terra.

Considerações finais

A presente análise da releitura de Hesíodo em A idade do ferro permite perceber como Coetzee, sem se afastar da estrutura norteadora do mito das raças, recriou-o, aplicando-o à época férrea em que vigia o apartheid em seu país natal. Tal como no poema de Hesíodo, perpassa o romance a tensão entre Dike e Hybris, de forma que a obra dramatiza os resultados funestos da desmedida, que vitimam o país na ausência da justiça. Contudo, ao contrário do mito hesiódico, que enfatiza crescente degenerescência e projeta tempos cada vez mais férreos e terríveis, o mito das raças de Coetzee sugere, ao contrário, o retorno de tempos mais brandos e propícios à vida.

Referências

- COETZEE, J. M. **A idade do ferro**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- GALLAGHER, S. V. **A story of South Africa**: J. M. Coetzee's fiction in context. London: Harvard University Press, 1991.
- LAFER, M. C. N. Introdução. In: HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 15-19.
- McCLINTOCK, A.; NIXON, R. No names apart: the separation of word and history in Derrida's "Le Dernier Mot du Racisme". **Critical Inquiry**, v. 13, n. 1, p. 141-154, 1986.
- VERNANT, J. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Received on March 3, 2009.

Accepted on December 9, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.